

HISTÓRIAS DA IMIGRAÇÃO

Teve 3 países como destino, mas, na hora do regresso, a escolha é Portugal...**Fernando Santos**
LUSO-AMERICANO

Fernando Simões não completou ainda o circuito de emigração que iniciou em 1966 e durante o qual passou por 3 continentes e outros tantos países.

Só o considera encerrado quando num ano muito próximo fizer as pazes com os seus sonhos, voltar a fazer as malas com as pertenças e regressar a Cantanhede, o concelho onde nasceu.

"Tenho em mente um negócio em Cantanhede... pois enquanto tiver saúde não posso parar..." - é como Fernando Simões resume o seu calendário enquanto aguarda a chegada da idade de reforma, já sem as duradouras preocupações com o futuro dos filhos.

A filha Helena Maria prepara a abertura do escritório de advogada em Aveiro e o filho Manuel Fernando é empresário no segundo país de emigração que Fernando Simões colocou como seu destino: a Venezuela.



Fernando Simões: 3 países como destino...

Cultura do chá em Moçambique

Moçambique foi o seu primeiro destino de emigrante, um território que conhecia por aí ter estado destacado como militar entre 1963 e 1966.

"Passados uns meses de ter regressado do serviço militar em Moçambique, rumei novamente ao norte moçambicano. Gostei muito daquele território e também tinha verificado enquanto lá estive como militar que tinha enormes possibilidades de desenvolvimento não se podendo comparar com as opções existentes em Portugal" - disse Fernando Simões que acabaria por se dedicar à agricultura em Vila Junqueiro, uma localidade situada a 400 km de Quelimane e a 410 km de Nampula.

"Optei pela agricultura com plantação de chá, café e gado. Comprei uma área ao Instituto de Povoamento do Vale de Zambeze, uma zona de povoamento que estava a ser preparada pelo estado, mas para a qual não tinha sido encontrado o tipo de povoador exigido. O estado estava a concluir os trabalhos quando eu cheguei, mas afastou-se pouco depois do projecto porque não conseguiram as pessoas adequadas para dar continuidade ao plano. Foi então que comprei três parcelas nesse projecto, que estava já praticamente abandonado. Requiri depois mais mil hectares para gado, ficando com uma área total de 1.164 hectares".

Embora desenvolvendo simultaneamente um projecto de agro-pecuária com cinco dezenas de cabeças de gado

e de cultura de café, o chá seria a grande aposta da exploração agrícola.

"Cheguei a ter 422 empregados na altura da colheita do chá, porque o chá era colhido todo à mão e tem de ser colhido na altura própria se não fica duro e já não serve para nada" - explica Fernando Simões, mas afastando rapidamente a ideia de mão de obra barata ou de exploração salarial.

"Quer saber uma história verdadeira?" - pergunta para desfazer essas acusações comuns.

"Eu quando acabei o serviço militar em Moçambique e regresssei a Portugal, fui trabalhar uns meses para umas pessoas na minha terra. A mim pagavam-me 40 escudos por dia. Passados meses regresso a Moçambique, faço o negócio com o governo para me ceder essas propriedades e o ordenado mínimo que eu tinha de praticar com os trabalhadores agrícolas eram 50

**HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO**

FERNANDO SIMÕES: "Em Moçambique e na Venezuela, a convivência é muita e maravilhosa. Os portugueses são mais que irmãos. Quando cheguei aos Estados Unidos estranhei muito e ainda há pouco vi a notícia de que nos Estados Unidos cada pessoa tem apenas dois amigos, o que é muito pouco. Em Moçambique e na Venezuela, cada pessoa tem milhões de amigos. Aqui é tudo mais fechado."

escudos por dia. Tinha de lhes dar almoço e jantar, comida ao fim de semana para levar para casa, e ainda para a família um quilo de farinha por dia, e ainda bacalhau, azeite ou feijão. À parte disso, davamos-lhes todas as ferramentas, e cada seis meses os contratos eram por seis meses - dois calções, umas calças compridas e duas camisas"

Adeus, África

A actividade empresarial

em Moçambique permitiu re-alarizar muitos sonhos e acalantar outros.

"Eu estava encantado da vida em Moçambique, pois, para além dos empreendimentos agrícolas tinha construído uma casa de negócio, que vendia de tudo, e tinha também um bar e restaurante. Quando se deu o 25 de Abril estava a construir outra casa em Vila Junqueiro e a começar outra a uns 15 km, e estava também em curso o processo de venda da fazenda de chá. Em Janei-

ro de 1974 eu tinha posto um anúncio no jornal a vender a propriedade agrícola, um tractor, uma carrinha e uma casa comercial e tinha-as já praticamente vendidas por 6 mil contos quando ocorreu o 25 de Abril. Devolveram-me tudo, mas a casa comercial ainda consegui vendê-la ao desbarato por 600 contos, um dinheiro que ficou lá quase todo".

Um encontro com a FRELIMO

Com os ventos políticos a levarem-lhe tudo, Fernando Simões começou a pensar noutros destinos para a sua capacidade de criar riqueza. Em 1976 regressou a Portugal.

"Do dinheiro que tinha no banco, mandaram-me para Portugal apenas 50 contos, embora com a promessa de que me iriam enviando o restante à medida que houvesse disponibilidades cambiais. Até hoje" - diz com desalento.

Do tempo que passou na vida empresarial e comercial em Moçambique guarda muito vivo um episódio que o marcou numa noite de 1974 durante uma viagem de reabastecimento de produtos para a sua casa comercial:

"Todas as semanas ia-me reabastecer duas vezes para os meus negócios, uma vez aos armazéns de Quelimane e outra vez a Nampula, que ficava a uns 410 km de onde eu estava. Eu fazia a viagem de noite num Toyota de caixa aberta. Para Quelimane nunca tive problemas, mas numa noite que ia para Nampula apanhei um susto. Já tinha acontecido o 25 de Abril, mas a Frelimo ainda estava longe de ser governo. A meio do caminho entre Vila Junqueiro e Nampula, numa parte ténua da estrada, que estava coberta pelas copas das árvores, parecia um túnel, saíram-me ao caminho uns homens com metralhadoras, bazucas e essa coisa toda. Identificaram-se como da FRELIMO. Pensei comigo: Bem, chegou o meu fim, é aqui que me tenho de despe-

dir da família. O grupo era comandado por um homem de raça indiana. Perguntaram-me se levava armas, revistaram-me a viatura de alto a baixo. Eu levava cerca de 500 contos. Quiseram saber para que era, lá lhes expliquei que ia comprar mercadoria e mandaram-me seguir. Enquanto a viatura estava ao alcance das armas, seguí devagar, mas quando vi que estava livre, não sei até onde enterrei o acelerador".

Entre as hesitações quanto à melhor altura para regressar com segurança a Vila Junqueiro, Fernando Simões achou que era manter a rotina, voltar nesse mesmo dia e pelo mesmo caminho.

"Carreguei a viatura e empreendi o regresso. Se esse fosse o meu último dia iria sê-lo" - disse ele, admitindo, contudo, que a viagem não foi feita sem esperar fantasmas em cada troço mais arborizado. Passados meses, teve uma surpresa:

"O que aconteceu foi que, passados uns tempos, a FRELIMO instalou-se na área ocupando o quartel que tinha sido do exército português e um dia um grupo da Frelimo veio à minha loja. Perguntaram-me se não conhecia ninguém do grupo. Disse-lhes que não reconhecia ninguém embora tivesse uma ideia de uma das caras do grupo, pois um deles era um dos meus melhores clientes. Disseram-me terem sido eles que me intersectaram semanas antes na estrada para Nampula e que o elemento que eu reconheci como meu cliente era o chefe do abastecimento da FRELIMO na região. Fiquei assim a saber, pela primeira vez, que tinha sido anos e anos a fio um dos grandes fornecedores da FRELIMO por aquelas áreas".

Mas a decisão de abandonar Moçambique já estava tomada.

"O facto de a Frelimo ser um partido comunista e de ter acabado a liberdade da

CONT. PAG. SEG.

HISTÓRIAS DA IMIGRAÇÃO

'... nos Estados Unidos cada pessoa tem apenas dois amigos, o que é muito pouco...'

cont. pag. ant.

iniciativa privada apressou a decisão" - disse Fernando Simões, que em 1976, o ano seguinte à independência de Moçambique, deixou mais 1.164 hectares de terra produtiva à mercê da vontade da natureza.

Portugal e Venezuela

"Em 1976 regressei a Portugal, mas o país estava muito instável e pensei que talvez na Venezuela pudesse reconstruir algo semelhante ao que vi desmoronar em Moçambique" - disse Fernando Simões.

Ainda pensou nos Estados Unidos, mas o problema da língua convenceu-o de que em terras americanas nunca chegaria a ser o empresário que tinha sido em Moçambique.

A Venezuela tinha mais parecenças com Moçambique e também "ouvia dizer muito bem da Venezuela".

"Em Portugal ainda tive algumas perspectivas de investimentos e cheguei a vender materiais de construção civil, mas o país não oferecia garantias. Eu não me importo de lutar, mas quero usufruir o fruto da minha luta. Portugal não dava para isso" - disse justificando o rumo venezuelano que tomou ainda em 1976.

"O meu primeiro emprego na Venezuela foi numa 'cambureira', a cambureira Boleita" - disse explicando que o nome vem de "camburi", banana.

"A cambureira é onde amadurecem a banana e a preparam para o mercado. Trabalhei aí 11 meses. O salário compensava em relação a Portugal, era mais do dobro. Entretanto, comprei as acções a um sócio, que mais tarde cedi a um irmão meu. Como empregado naquela altura seriam uns dois mil a três mil bolívares por mês (um dolar dava, então, 4,3



Em Moçambique, de onde saiu em 1976, esta era a família de Fernando Simões (esq/dir): Flausina, Manuel Fernando, Helena Maria e Fernando Simões

bolívares). Depois estive 4 anos e 10 meses no ramo de supermercados. Fui 5 anos supervisor geral da cadeia de supermercados TIA, em Caracas. Depois saí daí por uma questão de dinheiro para o supermercado Central Guarenas, onde estive 7 anos e alguns meses como encarregado de compras".

Desempenhava estas funções e ganhava 25 mil bolívares (na altura um dolar dava 13 bolívares) quando em 1988 Fernando Simões decidiu fixar residência nos Estados Unidos e abandonar a Venezuela, sobretudo por uma razão:

"Gostei de tudo na Venezuela, menos a delinquência. E decidi sair da Venezuela por causa da criminalidade" - disse Fernando Simões. "Fui assaltado várias vezes na Venezuela, dentro de casa, na rua, onde calhava. Dias antes de abandonar a Venezuela para vir para os Estados Unidos fui assaltado à mão armada duas vezes em três dias. De resto é uma maravilha. As pessoas são boas, os negócios prosperam...mas a criminalidade é enorme..."

O filho Manuel Fernando continua na Venezuela, mas Fernando Simões não perde o sono por causa disso: "O meu



No topo, a neta Maria Fernanda, filha de Manuel Fernando, ainda radicado na Venezuela; acima, os netos Sofia e Luis Miguel, filhos da Helena Maria

filho não vive em Caracas" - disse, considerando que é na capital venezuelana onde o crime atinge proporções insuportáveis.

Estados Unidos: 2 amigos é pouco

Desde 1988 nos Estados Unidos, Fernando Simões tem uma censura a fazer a si próprio.

"Se eu tivesse vindo para

os Estados Unidos na altura em que, com vinte e poucos anos, fui para Moçambique, talvez tivesse feito o maior negócio da minha vida" - diz ele, reconhecendo, contudo, que há uma vivência muito diversa entre os Estados Unidos, de um lado, e Moçambique e Venezuela do outro:

"Em Moçambique e na Venezuela, a convivência é muita e maravilhosa. Os portugueses são mais que irmãos. Quando cheguei aos Estados Unidos estranhei muito e ainda há pouco vi a notícia de que nos Estados Unidos cada pessoa tem apenas dois amigos, o que é muito pouco. Em Moçambique e na Venezuela, cada pessoa tem milhões de

amigos. Aqui é tudo mais fechado."

Nos Estados Unidos nunca decidiu dar largas ao seu espírito de empreendedor.

"Cheguei aqui mas andava amarrado, sem me poder soltar" - diz referindo-se aos anos que demorou a sua legalização.

A abordagem pessoal da sua presença nos Estados Unidos também foi diversa: "O que eu ganhava tinha de dar para mandar metade para Portugal e se não dava começava logo à procura de outro emprego" - diz ele referindo-se aos pés de meia que foi constituindo no concelho de Cantanhede, de alguns dos quais não terá já oportunidade de usufruir quando chegar a hora do regresso.

Queixa-se que nos últimos 4 ou 5 anos está a ser confrontado com mais despesas do que poupanças, o que é mais um empurrãozinho a apressar o regresso e a conclusão do circuito de imigração que quis percorrer nos últimos 40 anos.

"Sim, sim, mas não é por isso que vou regressar a Portugal. Regresso porque me vou reformar" - disse.

Em Portugal, deve ver clarificadas, entretanto, situações decorrentes da sua vida familiar que poderão gerar complementos da reforma, mas está novamente a pensar em negócios.

Desta vez em Cantanhede, o concelho de onde partiu em 1966 para criar riqueza no estrangeiro.

É como ele diz: "Enquanto tiver saúde não posso parar..."